

Trump faz EUA reassumirem “na marra” o papel de grande mediador

Em ano marcado por compromissos diplomáticos, Trump focou na Rússia e em Israel

Por Pedro Sobreiro e Igor Gielow
(Folhapress)

Apesar de tomar medidas polêmicas e, por muitas vezes, autoritárias, Donald Trump tentou fazer um “rebranding” na temporada, vendendo ao mundo a imagem de um líder conciliador. A menos que os países em questão estivessem inclusos na lista de seu “tarifaço”, utilizado como arma política para tentar converter países que se opusessem politicamente aos EUA, incluindo o Brasil. No caso brasileiro, a medida foi contornada na reta final, após os encontros diplomáticos entre Lula e Trump aproximarem os líderes, que costuraram novos acordos.

Mas é inegável que os grandes focos de Donald Trump em 2025 foram as resoluções das guerras na Ucrânia e na região de Gaza. Pessoas próximas ao presidente afirmaram que foram medidas visando a conquista do Nobel da Paz, que consolidaria essa imagem do “mediador pacifista” que Trump tenta emplacar. Porém, o acordo de cessar-fogo entre Israel e Hamas, que contraria pontos fundamentais para o Nobel, só foi costurado após a cerimônia. Por falar no prêmio, ele foi entregue a María Corina Machado, líder da oposição na Venezuela, o que causou revolta em parte da comunidade internacional.

No caso da guerra na Ucrânia, as negociações renderam momentos pitorescos, como a “bronca” ao vivo que Trump deu em Volodimir



Reuters/Folhapress

Trump e Putin flertam entre a rivalidade e estarem ‘alinhadados’, mas acordo com a Ucrânia segue distante

Zelenski em pleno Salão Oval da Casa Branca. Além de ter chamado o presidente de “Ditador”, alegou que ele estava arriscando iniciar a Terceira Guerra Mundial. Tudo isso diante das câmeras.

Após o constrangimento, os líderes se reproximaram conforme a Rússia seguia tomando territórios. Em agosto, Trump se reuniu com Vladimir Putin e seguiu tentando mediar um cessar-fogo, que ainda está em vias de ser costurado.

Zelenski segue mais pressionado, com novas perdas militares no leste do país. Em dezembro, ele ficou visivelmente incomodado com as posições simpáticas a Putin expressadas por Trump durante a entrevista coletiva de ambos no dia 28, quando o americano disse entender por que o russo não aceitava um cessar-fogo sem antes ter seus termos considerados.

O cronograma das discussões se moveu para janeiro, frustrando

o desejo de Trump de encerrar a guerra iniciada por Putin em 2022 ainda neste ano. Dois grupos de trabalho russo-americanos serão formados para discutir a questão das garantias e aspectos econômicos do eventual fim da guerra.

Já Zelenski quer uma reunião entre negociadores americanos, europeus e ucranianos em Kiev “nos próximos dias” para refinar a discussão, que ainda parece estar longe de acabar.

Cessar-fogo frágil

Na guerra entre Israel e Hamas, um cessar-fogo foi assinado em outubro com mediação de Donald Trump. Porém, como já era de se esperar, a proximidade do americano a Binyamin Netanyahu, o primeiro-ministro israelense, fez com que Israel violasse o tratado diversas vezes sem sofrer as consequências.

Desde a assinatura, o exército israelense voltou a fazer intervenções e a matar palestinos diversas vezes. Sempre alegando que o lado palestino havia rompido o tratado.

Do lado palestino, a maior polêmica foi a demora na devolução dos corpos dos reféns assassinados ou capturados no ataque de 2023. Os vivos foram logo devolvidos, mas até mesmo pelos ataques israelenses a bases do Hamas, a devolução de alguns corpos foi prejudicada. Nessa guerra, ambos os lados jogam com o que tem, por mais mórbidas que sejam as opções, como segurar a devolução de corpos de familiares mortos.

Fato é que apesar do cessar-fogo ter sido assinado, ambos os lados seguem com ações que desrespeitam o tratado que parece cada dia mais frágil. No fim das contas, ficou a sensação de que a assinatura ocorreu às pressas, justamente para que Trump tentasse conseguir o Nobel da Paz.

Agora é aguardar para ver qual o próximo conflito que os EUA tentarão mediar em 2026.

Em meio a “rebranding de pacifista”, Donald Trump segue ameaçando Venezuela de invasão

Enquanto Trump tentou mostrar ao mundo essa faceta supostamente pacifista, ele foi bastante autoritário na América do Sul, mostrando que a ameaça do imperialismo americano segue vivo.

No Brasil, ele aplicou o “tarifaço” após pressões políticas da família Bolsonaro, alegando decisões ditatoriais do Ministro Alexandre de Moraes e coisas do tipo. O governo brasileiro bateu cabeça para resolver esse imbróglio ao longo do ano, tendo conseguido reverter a situação na reta final de 2025 em uma “masterclass” política de Lula, que se aproximou do presidente americano e costurou novos acordos.

Na Colômbia, diversas ameaças ao presidente Gustavo Petro foram feitas ao longo do ano. Sob pretexto de uma suposta guerra aos cartéis

de drogas na América que, segundo Trump, “ameaçam” os Estados Unidos, ele vem aumentando a presença militar no entorno, colocando pressão em países de menor expressão na política internacional, como a Colômbia, e trazendo de volta o fantasma da invasão americana.

Em dezembro, em coletiva de imprensa, Trump - que já havia chamado publicamente Petro de “traficante” - respondeu as críticas do colombiano sobre a ameaça à soberania de seu país com um “fica esperto”.

“É melhor ele ficar esperto, ou será o próximo. Espero que ele esteja ouvindo. A Colômbia está produzindo um monte de drogas. Eles têm fábricas onde produzem cocaína”, afirmou Trump.

A situação parece longe do fim.

Mas o grande conflito entre Estados Unidos e América do Sul em 2025 foi com a Venezuela. Também com a justificativa de estar combatendo o tráfico de drogas, Trump tomou uma série de medidas autoritárias contra o ditador venezuelano Nicolás Maduro.

Além de ter oferecido uma recompensa milionária pela cabeça de Maduro, Trump confirmou publicamente que autorizou a CIA a agir no país para derrubar o presidente venezuelano.

Na reta final do ano, o envio do maior navio de guerra do mundo para o mar do Caribe, colocado estratégicamente na rota da Venezuela, foi mais uma forma de ameaça ao país. A ação foi interpretada como se Trump chegassem na porta da casa de Maduro e apontasse um

canhão para ela. Mais do que isso, os constantes abates a embarcações venezuelanas no entorno do país seguem chocando a comunidade internacional, mas não a ponta de fazê-la se movimentar contra o presidente americano.

Vale lembrar que a Venezuela é dona das maiores reservas de petróleo do mundo e isso obviamente desperta o interesse americano.

A ações de Trump ligaram o alerta nos parceiros da Venezuela, China e Rússia, que reiteraram publicamente apoio à nação sul-americana. Em dezembro, o ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, reafirmou o apoio de Pequim ao regime de Nicolás Maduro em ligação telefônica com seu homólogo venezuelano, Yván Gil. O chanceler chinês classificou

a relação entre os dois países como uma “tradição de confiança mútua” e disparou críticas ao que chamou de “bullying unilateral” exercido por potências externas, em um movimento que solidifica o eixo de resistência às sanções de Washington.

Já a Rússia adotou um tom mais duro ao envolver a possibilidade de um conflito global. O Ministério das Relações Exteriores da Rússia disse esperar que se evite uma escalada ainda maior, mas também afirmou que as tensões em torno da Venezuela podem ter “consequências imprevisíveis para todo o Ocidente”.

Para Alexander Shchetinin, diretor do Departamento para a América Latina da pasta, a situação pode trazer riscos para todo o Hemisfério Ocidental e seria um erro.